

Corpo, sexualidade e juventude: provocações de uma ética foucaultiana para centros socioeducativos

Francisco Danilo dos Santos Oliveira ¹

“[...] se nos conhecermos, saberemos talvez também qual é o cuidado que devemos ter com nós mesmos; se não nos conhecermos, jamais o saberemos”. Sócrates

Resumo: Este trabalho apresenta uma discussão acerca da relação entre o Estado e os jovens em restrição de liberdade nos Centros Socioeducativos, buscamos com esse artigo entender como se dão os processos de subjetivações desse público frente aos diversos discursos acerca dos modos de vivenciar das dimensões da sexualidade, do corpo e a restrição de liberdade. Para compreender essa dinâmica acerca do corpo e da sexualidade dos jovens em conflito com a lei nos seus aspectos fundamentais recorreremos a filosofia de Michel Foucault. Os estudos sobre a sexualidade foi e continua sendo alvo de diversas e distintas reflexões acerca do seu alcance, força, desenvolvimento de suas tecnologias, o que ao longo dos tempos desperta medos e receios. Foucault consegue responder a essa problemática envolvendo o corpo e a sexualidade humana. Assim, os estudos foucaultianos revelam como essa sexualidade foi usada para manter relações de poder e de subjugação dos indivíduos e seus corpos. Foucault, nos volumes de *História da sexualidade*, aborda essa realidade de controle e manutenção do poder apresentando os dispositivos da sexualidade, o seu desenvolvimento e aplicações para uma relação de controle dos indivíduos, mas, também formas de superação desse esquema. Para Foucault, o discurso, um dos principais artifícios utilizados para o controle dos indivíduos, não deve mais subjugar os corpos, mas o corpo deve produzir seu discurso a partir de uma performance própria, reveladora de dignidade e grandeza, é aquilo que Foucault nomeia de *estética da existência* e posteriormente desenvolve como *cuidado de si*.

Palavras-chave: Corpo. Jovem. Sexualidade. Foucault.

Abstract: This paper presents a discussion about the relationship between the State and the young people in restricted freedom in the Socio-Educational Centers, we seek with this article to understand how the subjectivation processes of this public occur in relation to the different discourses about the ways of experiencing the dimensions of sexuality, the body and the restriction of freedom. To understand this dynamic about the body and sexuality of young people in conflict with the law in its fundamental aspects, we use the philosophy of Michel Foucault. Studies on sexuality have been and continue to be the subject of several and distinct reflections on

1 Francisco Danilo foi orientando do Prof. Dr. Nilo Ribeiro Jr. em sua iniciação científica, concluída em 2015 e realizada na modalidade IC Voluntária. Seu plano de trabalho esteve vinculado ao projeto de pesquisa de seu orientador, intitulado “A sabedoria da carne: corporeidade e ética na filosofia contemporânea”, dentro da linha de pesquisa Ética. Francisco Danilo é graduado em Tecnologia, em Eletromecânica pela FATEC- Faculdade de Tecnologia do Ceará, graduado em Filosofia e especialista em Juventude no Mundo Contemporâneo pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, e atualmente é mestrando em Filosofia pela Universidade Vale do Acaraú - UVA. E-mail do autor: danielosantossax@yahoo.com.br.

their reach, strength, development of their technologies, which over time has aroused fears and fears. Foucault manages to answer this problem involving the body and human sexuality. Thus, Foucaultian studies reveal how this sexuality was used to maintain power and subjugation relationships between individuals and their bodies. Foucault, in the volumes of History of sexuality, addresses this reality of control and maintenance of power, presenting the devices of sexuality, their development and applications for a relationship of control of individuals, but also ways of overcoming this scheme. For Foucault, discourse, one of the main devices used to control individuals, should no longer subjugate bodies, but the body must produce its discourse from its own performance, revealing dignity and greatness, is what Foucault calls aesthetics of existence and later develops as self-care.

Keywords: Body. Young. Sexuality. Foucault.

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade e o corpo são aspectos de fundamental importância nas relações humanas. Por isso, a sexualidade foi e continua sendo alvo de diversos estudos com distintas elucubrações acerca do seu alcance, força, desenvolvimento de suas tecnologias, o que, ao longo dos tempos, desperta diversos medos e receios.

Michel Foucault, autor que figura como um dos grandes pensadores contemporâneos, em seus estudos, direcionou, também, sua atenção a esse tema. Foucault utilizou o método conhecido como genealógico-arqueológico, ou seja, um método que procura compreender os conceitos a partir de sua origem epistemológica e suas novas significações em cada época histórica, sobre como esses conceitos foram evoluindo e assumindo desdobramentos outros. Com isso, a “dimensão arqueológica da análise permite analisar as próprias formas da problematização; a dimensão genealógica, sua formação a partir das práticas e de suas modificações” (FOUCAULT, 2014, p.17).

Esse método foucaultiano de investigação foi muito utilizado, principalmente, após sua crítica ao estruturalismo e aos métodos daí engendrados. O método arqueológico-genealógico marca diversos temas de estudos foucaultianos, no desenvolvimento de diversos conceitos, tais como o *poder*, a *dominação* e o *biopoder*. Desta forma, esse método, também, foi utilizado para compreender o nosso tema de estudo, os dispositivos da sexualidade e a maneira como eles foram desenvolvidos e aplicados aos corpos ao longo do tempo, transformando-os em corpos dóceis aos regimes de poder.

O interesse por essa problematização surgiu a partir de visitas a centros socioeducativos. Esses centros têm a função de promover a ressocialização de jovens em conflito com a lei. Nesses espaços de restrição da liberdade, onde o encarceramento provoca diversos movimentos introspectivos de questionamento da subjetividade, modos

de agir e estar no mundo, os mecanismos de poder e os dispositivos da sexualidade são fortemente percebidos.

Daí, surgem questionamentos acerca da sexualidade desses jovens e a maneira adequada de o Estado lidar com essa etapa da adolescência que é marcada, principalmente, pelo

conhecimento do corpo e da sua sexualidade que, ao mesmo tempo, não devem ser subjugados por meio dos discursos e da força, tendo em consideração que são corpos em formação tanto do ponto de vista biológico, quanto da construção identitária.

Mas sabemos que essa relação entre o jovem e o Estado traz consigo todo um conjunto de dispositivos desenvolvidos e identificados na obra foucaultiana. Pois, o Estado, ao tutelar jovens e seus corpos em regime de restrição de liberdade, deve garantir um desenvolvimento adequado de todas as dimensões do indivíduo, inclusive a afetiva- sexual, o que não acontece.

Foucault, um estudioso dessa temática consegue responder a essa problemática envolvendo a sexualidade humana. Assim, os estudos foucaultianos revelam como essa sexualidade foi usada para manter relações de poder e de subjugação dos indivíduos. Foucault, nos três volumes de *História da sexualidade*, aborda essa realidade de controle e manutenção do poder apresentando os dispositivos da sexualidade, o seu desenvolvimento e aplicações para uma relação de controle dos indivíduos, mas, também formas de superação desse esquema.

Para Foucault, o discurso, um dos principais artifícios utilizado para o controle dos indivíduos, não deve mais subjugar os corpos, mas o corpo deve produzir seu discurso a partir de uma performance própria, reveladora de dignidade e grandeza, é aquilo que Foucault nomeia de *estética da existência* e posteriormente desenvolve como *cuidado de si*.

2 DESENVOLVIMENTO

Foucault, ao desenvolver seus estudos acerca da sexualidade, percebe que as concepções sobre as quais a maioria dos estudos na área, principalmente a psicanálise, estavam arraigados em teorias que tinham a repressão sexual como o mote principal de pesquisa. Por isso, no primeiro momento, podemos dizer que esses dispositivos identificados nos estudos foucaultianos, sua formulação, trata-se de um descontentamento com todas as teorias apresentadas acerca da vivência da sexualidade até aquele momento.

O pensador decide, então, percorrer por si os clássicos a fim de resgatar uma história da sexualidade que demonstre com mais lisura os desdobramentos que a percepção da sexualidade e seus comandos foram tomando ao longo dos séculos.

Foucault identifica como a sexualidade foi vivida de forma livre na antiguidade, mas que a partir de um certo período, com o fortalecimento da Igreja e suas experiências monásticas de vivência cristã, é desenvolvida uma tecnologia de domínio da pessoa e seu corpo. Essas experiências comprovaram a força da sexualidade na vida do ser humano, como algo pulsante e englobante da pessoa, que poderiam ser submetidas a formas ideais de vivê-las. Trata-se aqui da descoberta da sexualidade com forma de domínio e poder.

Daí a necessidade de se buscar a padronização da vivência da sexualidade com a intenção de eliminar os “desviados”, ou seja, aqueles que, de algum modo, nas suas práticas diferenciadas da sexualidade rompem o poder estabelecido pelos discursos.

Vemos, então, o policiamento do sexo entrar como a principal maneira de gerenciamento da vida das pessoas, mas não no sentido de uma proibição profunda aos atos sexuais, mas por “[...] meio de um discurso úteis e públicos” (FOUCAULT, 2014a, p.27), que ajudassem a consolidar o poder sobre os corpos. Neste momento, a sexualidade toma contornos importantes, pois, com o crescimento das cidades, a política de população passa a ser necessária. Começa-se, então, a “[...] analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis” (FOUCAULT, 2014a, p.27.). Tais recursos estão, hoje, na base de qualquer ação governamental.

Foucault, na busca de compreender esse instrumental desenvolvido para o controle das populações, que passou a ser apontado com o termo mais abrangente de *biopolítica*, restringe-se a pesquisar determinados tipos de pessoas que eram mais suscetíveis aos regimes de poder. Ele dá atenção, então, a esses que foram as principais classes de pessoas a serem submetidas mais fortemente aos dispositivos disciplinares de manutenção e controle social, ou seja, corpos específicos escolhidos para o ‘sujeitamento’, dadas suas condições de subalternação e exclusão, são elas: as crianças, as mulheres, os pervertidos — aqueles que tinham práticas não condizentes com o estabelecido como, por exemplo, os homossexuais. Essas três classes de pessoas foram as que mais sofreram nessa perspectiva de implantação de um sistema heteronormativo.

Esses corpos foram (ou são) os mais suscetíveis a sofrer punições e restrições por conta da sua força de desarticulação do próprio sistema. A utilização dos sistemas jurídicos, médicos e escolares, nas formas de lei, de medicalizações e de pedagogias são instrumentos na manutenção e reafirmação do regime estabelecido que deve ser mantido para que a obediência e a ordem permaneçam estáveis. Assim, essas três áreas do conhecimento eram utilizadas, respectivamente, para que fossem controlados os pervertidos, com suas práticas perigosas; a mulher histérica, com sua patologia intrínseca; e a criança com a educação do toque e culpabilização do desejo.

Lembremos como a pastoral cristã com sua ênfase na confissão foi utilizada como uma das grandes práticas de exercer o poder sobre os indivíduos que não tinham como fugir da confissão forçada de si. Submetidos ao processo de controle dos corpos, esta forma de poder se impõe como

[...] presenças constantes, atentas e também curiosas; ela implica proximidades; procede mediante exames e observações insistentes; requer um intercâmbio de discursos através de perguntas que extorquem confissão e de confidências que superam a inquisição. (FOUCAULT, 2014a, p.49)

Posteriormente, com a diminuição do poder controlador da Igreja e o crescimento da burguesia, instaura-se uma postura nova em relação à sexualidade e ao corpo. Essa postura nova é assumida pela medicina e sua maneira clínica e objetiva de tratar a pessoa, pela qual a padronização dos corpos ganha contornos de uma higienização que traga saúde e, assim, passa a dominar o campo da busca e da regulação e extinção de corpos que não se enquadram nos padrões médicos vigentes.

O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas, mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. (FOUCAULT, 2014a, p.50)

Foucault pergunta-se sobre esta ligação profunda do desejo de saber sobre o sexo e suas formas de ligação com o prazer. Ele fala de um jogo existente entre as duas partes, um entrelaçamento em que “[...] o prazer se mistura ao involuntário e o consentimento à inquisição” (FOUCAULT, 2014a, p.49), como se passassem naturalmente de um para o outro: “saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber” (FOUCAULT, 2014a, p.85).

Para o autor há uma estreita ligação entre o desejo de conhecimento e o sexo, nessa relação há um prazer embutido, que ao pesquisar a história da sexualidade se depara com distintos momentos em que isso se torna forte, seja no cristianismo feudal declinante, seja na burguesia crescente onde o tema exercia grande fascínio sobre os indivíduos. (CF. FOUCAULT, 2014, p. 73-83)

Foucault lembra como a burguesia não foi uma classe dominante no sentido de uma aplicação consciente dos dispositivos disciplinares com relação a sexualidade e ao corpo dos dominados, como se aplicasse, de um modo simples, um método de dominação sobre os seus subalternos. Porém, antes a burguesia vivenciou em si todos os métodos de restrição e cautela diante da sexualidade a fim de se obter um corpo são, onde se pudesse diferenciar dos demais, já que não havia nele a linhagem sanguínea dos nobres.

Por isso, os dispositivos disciplinares ressaltados por Foucault com relação aos corpos e sua sexualidade não se dão de forma ingênuos. Esses dispositivos funcionam como

[...] o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa [...]. Deve-se reconhecer que esse dispositivo não funciona simetricamente lá e cá, e não produz, portanto, os mesmos efeitos.” (FOUCAULT, 2014a, p.139)

Foucault ao trabalhar os dispositivos disciplinares da sexualidade quer mostrar como eles foram desenvolvidos e como passaram de pequenas experiências em monastérios a todo o povo, de corpos individuais ao corpo geral das populações para que o regime de poder pudesse ser assegurado e fortalecido, por uma questão de domínio em suas diversas formas

de manifestação. O poder, nessa relação com a sexualidade e com os corpos, como expressão que dita as leis, é sempre estabelecido em uma relação negativa, seja de rejeição, seja de exclusão.

No entanto, Foucault aponta um caminho de superação desses engendramentos em que o poder, a sexualidade, o saber e os corpos se encontravam. O caminho do *cuidado de si* e de uma ética no *uso dos prazeres*, ou seja, um modo adequado de vivenciar a sexualidade e a corporeidade, rompendo com os dispositivos que os subjagam. O autor propõe aqui uma ética diferenciada da proposta pela filosofia clássica, denominada de ética da *carne*.

O pensador propõe a temperança como um caminho de reconhecimento de si e vivência da *aphrodisia*. A *aphrodisia* era, como os gregos entendiam, a sexualidade e sua prática. Este termo correspondia ao “[...] verbo *aphrodisiazein*, [uma] referência à atividade sexual em geral” (FOUCAULT, 2014b, p.56).

Essa postura ética com relação a sexualidade não focalizava em uma das dimensões próprias dela nem se restringiam ao próprio ato, nem ao desejo, nem ao prazer, mas estava fixa “[...] sobretudo na dinâmica que une os três de maneira circular (o desejo que leva ao ato, o ato que é ligado ao prazer e o prazer que suscita o desejo)” (FOUCAULT, 2014b, p.54).

Foucault refletindo sobre essa relação entre atos, desejos e prazeres que poderiam levar a uma vida intemperante e desordenada, uma vida sem a vivência de uma ética, chega à conclusão que o problema ético estará na intensidade da relação desses três aspectos, pois, para ele, essa “[...] relação dinâmica [dos aspectos] que constitui o que se poderia chamar o grão da experiência ética da *aphrodisia*” (FOUCAULT, 2014b, p.54), onde o problema ético encontra-se na frequência dos atos e na intensidade de tais práticas em uma divisão entre extremos, entre o “[...] menos e mais: moderação ou continência” (FOUCAULT, 2014b, p.54) e nunca sobre proibições.

A atividade sexual, para o pensamento foucaultiano, não é algo mau ou que traga em si uma maldade, mas algo natural e indispensável a vida, posto que é por

[...] meio dela que os seres vivos podem reproduzir, que a espécie em seu conjunto escapa à morte e que as cidades, as famílias, os nomes e os cultos podem se prolongar muito além dos indivíduos destinados a desaparecer [...]. A atividade sexual, tão profundamente ancorada na natureza e de maneira tão natural, não poderia ser considerada má. (FOUCAULT, 2014b, p.59)

Foucault, referindo-se à prática sexual como algo natural e necessário, não deixa de recordar que mesmo ela é objeto de um cuidado moral. É necessário que se tenha algum tipo de delimitação que “[...] permita fixar até que ponto, e em que medida, é conveniente praticá-la”. (FOUCAULT, 2014b, p.60) tendo em vista toda a vivacidade natural que o prazer proporciona.

No texto já enfatizamos a relação da vontade de saber sobre os corpos e a sexualidade. No entanto, Foucault, refletindo Aristóteles, volta a falar sobre a importância do conhecimento para que se mantenha a temperança na relação com a sexualidade, não mais na busca de domínio do outro, mas de conhecimento de si e na afirmação do homem temperante e sua relação com a verdade na vivência moral da sexualidade. Segundo o autor,

[...] qualquer que seja o modo de saber suposto naqueles que agem a despeito dos princípios que conhecem, existe um ponto que não é contestado: é que não se pode praticar a temperança sem uma forma de saber que constitui pelo menos uma de suas condições essenciais. Não se pode constituir como sujeito moral no uso dos prazeres sem constituir-se ao mesmo tempo como sujeito do conhecimento. (FOUCAULT, 2014b, p.103)

A relação do conhecimento e a verdade, para o autor, é uma condição “estrutural, instrumental e ontológica da instauração do indivíduo como sujeito temperante e levando uma vida de temperança” (FOUCAULT, 2014b, p.107). Contudo, essa relação com a verdade não é condição “epistemológica para que o indivíduo se reconheça na sua singularidade de sujeito desejante” (FOUCAULT, 2014b, p.107), nem o conduziria a uma hermenêutica do sujeito.

Entretanto, essa busca pela verdade e pela instauração do sujeito temperante abre para aquilo que Foucault vai chamar de uma *estética da existência* que, segundo ele, podemos denominar como

[...] uma maneira de viver cujo valor moral não está em sua conformidade a um código de comportamento nem em um trabalho de purificação, mas depende de certas formas, ou melhor, certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que deles se faz, nos limites que se deve observar, na hierarquia que se respeita. (FOUCAULT, 2014b, p.107)

Essa proposta foucaultiana se erige em contraponto aos dispositivos disciplinares apresentados aqui, pois a proposta de uma *estética da existência* parte, principalmente, de uma liberdade do sujeito que não se deixa mais submeter-se aos diversos discursos sobre seu corpo e sua sexualidade, que sejam determinantes ou restritivos de sua essência a fim de refirmarem algum regime de poder. Assim,

[...] nem os médicos, ao darem conselhos de regime, nem os moralistas, ao pedirem aos maridos que respeitem suas esposas, nem aqueles que dão conselhos sobre a boa conduta no amor pelos rapazes, dirão exatamente o que é preciso ou não fazer na ordem dos atos ou práticas sexuais. (FOUCAULT, 2014b, p.111)

Foucault é muito criticado por essa postura, visto como um relativista moral que não admite princípios universais éticos de comportamento² e, por isso, enumeraria pressupostos morais que desconhece e que não seriam suficientes para sustentar sua postura ética. Essa crítica ao pensamento foucaultiano não procede, justamente por que o autor pensa uma ética que seja baseada no próprio sujeito, mas não do tipo relativista, pois sua proposta, na sua formulação, sempre leva em consideração o outro. Por isso, Foucault não ignora princípios universais, porém quer construir sua ética por novos registros que levem mais em consideração a vivência real dos indivíduos do que suposições teóricas. Foucault ratifica seu pensamento afirmando que

[...] a temperança sexual é um exercício da liberdade que toma forma no domínio de si; e esse domínio se manifesta na maneira pela qual o sujeito se mantém no exercício de sua atividade viril, na maneira pela qual ele se relaciona consigo mesmo na relação que tem com os outros (FOUCAULT, 2014b, p.111)

Foucault nomeará esse movimento de *cuidado de si*, pois esse é o modo próprio do homem se fazer conhecer e despertar o interesse por si como modo de cuidado, tendo em vista que o “homem deve velar por si mesmo (...), porque assim, deus quis que o homem pudesse livremente fazer uso de si próprio, e é para esse fim que o dotou de razão (...), essa faculdade absolutamente singular que é capaz de servir a si mesma” (FOUCAULT, 2014c, p.61).

No pensamento foucaultiano, isso só será possível se as pessoas passarem a refletir por si mesmas, em uma atenção ao que é, em relação aos outros e em uma dinâmica que ao realizar uma “[...] intensificação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos” (FOUCAULT, 2014c, p.53), vivencie uma ética que lhe dê o lugar de reconhecimento e grandeza de sua identidade.

O autor, retomando o pensamento de Sêneca, vai explanar sobre o exame de consciência como uma prática de si. Essa prática possibilita ao sujeito retomar a vida e, assim, poder direcioná-la melhor. Nisso o “[...] sujeito se constitui face a si próprio, não como um simples indivíduo imperfeito (...), mas sim como indivíduo que sofre de certos males que deve deles cuidar” (FOUCAULT, 2014c, p.61).

Conclui Foucault, sobre essa arte de viver que sempre engloba o indivíduo e suas relações. Ele diz que a “moral sexual exige, ainda e sempre, que o indivíduo se sujeite a uma certa arte de viver que define critérios estéticos e éticos da existência” (FOUCAULT, 2014c, p.87). Todavia, essa moral se refere cada vez mais a “princípios universais da natureza ou

2 Essa crítica é apresentada no artigo de Jurandir Freire Costa, *O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral?*. Nesse artigo, o autor apresenta uma crítica baseado nos pensamentos de Charles Taylor, Rainer Hochlitz e Pierre Hadot. Segundo o autor, esses pensadores alegam que Foucault se engana ao querer construir uma ética sem princípios universais. No entanto, para nossa compreensão, essa crítica não é adequada, pois Foucault por diversas vezes retoma a questão da universalidade como algo que se deve levar em consideração na sua ética, mas não como sustentação última. Foucault quer desenvolver sua ética sobre registros das práticas de si.

da razão, aos quais todos devem se curvar da mesma maneira, qualquer que seja o status”. (FOUCAULT, 2014c, p.87)

3 OS JOVENS EM CONFLITO COM A LEI E A SEXUALIDADE

Ao refletir sobre a obra foucaultiana e sua relação com a problemática desse trabalho, pode-se apreender que mesmo o autor não tratando sobre os jovens, muito menos o jovem em conflito com a lei, em restrição de liberdade ou em alguma medida socioeducativa, esses sujeitos vivenciam fortemente os dispositivos disciplinares sobre seus corpos, por sua condição própria de fragilidade e de perda de autonomia frente à própria vida em reclusão.

Esses jovens se enquadram nos modelos numerados por Foucault, pois encontram-se em condições análogas com aqueles que são considerados menos importantes dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade como no caso da criança, mulher e do perverso.

A submissão dos corpos desses jovens em conflito com a lei de modo a enquadrar-se nesses padrões já citados se dá pela obrigação de terem que confessar a sua culpa, falha, e consequentemente, sua inferioridade, frente ao poder/saber do Estado. Ora, o Estado se utiliza das três ferramentas trabalhadas neste artigo, ou seja, a lei, a pedagogia e a medicalização a fim de justificar a domesticação dos corpos dos jovens com o intuito de reinseri-los na sociedade.

Nessa perspectiva a justiça seria utilizado como tentativas sociais de controle e submissão às leis estabelecidas, tendo em vista que a maioria dos atos infracionais são de pequenas contravenções como furto e consumo de drogas, muito mais ligado a uma falta de estrutura familiar e da assistência do próprio Estado no sentido de oferecer condições para que o jovem se torne livre e responsável pelo *cuidado de si*. Nota-se que esse problema não acontece com os jovens de classe média e seus comportamentos, pois a criminalização das juventudes têm como primeiro alvo os jovens pobres de periferia e a utilização dos mecanismos disciplinares relacionados a vivência sexual desse público.

A relação com o jovem dentro desses centros socioeducativos se baseia na vigilância e na punição, o que Foucault já denuncia em outra obra- *Vigiar e punir*, 1975, o que não deixa de ser ressaltada na obra *história da sexualidade*, com a pedagogias criadas para o controle e a manutenção dos poderes estabelecidos. A Educação, então, é uma maneira peculiar de subjugação dos jovens na condição de assistido do sistema. Ela é baseada na organização do espaço e nas práticas disciplinares de controle de todas as vivências dentro desses centros, inclusive, com relação à sexualidade dos jovens em restrição de liberdade.

A saúde dos jovens é um dado complicador dentro dos centros, pois há várias práticas de higienização desses corpos com a justificativa de que se trata de manter a saúde e a integridade dos mesmos. Entretanto, essa prática se mostra como mais um modo de controle de corpos que têm uma potência plena de expressão e vivacidade. No entanto, submetidos a essas

práticas disciplinares esses jovens não conseguem ter a consciência da sua dinâmica, valor e autoconhecimento de quem são, se embotam e não conseguem despertar para o poder de seu corpo e o *cuidado de si*.

Nessa perspectiva foucaultiana, percebe-se como os jovens em conflito com a lei não conseguem compreender-se como portadores de verdade e de autonomia sobre sua própria sexualidade. Talvez por isso, muitos deles não terem acesso a compreensão de si de modo a serem agredidos na sua percepção de seu próprio poder-dignidade. Por isso, ao saírem desses centros voltem a cometer atos infracionais com sentimento de revanche por tudo que sofreram nos próprios centros uma vez que seus corpos foram violados.

Por outro lado, a questão da vivência da sexualidade ganha uma conotação singular nesses espaços, dadas a própria restrição de liberdade e as condições de isolamento, o que faz aumentar uma vontade de saber sobre seus corpos, sua potência, exigindo um *cuidado de si* que acaba não sendo desenvolvido. Nesse contexto, parece-nos que a proposta foucaultiana ganha visibilidade na medida em que ela insiste no empoderamento dos sujeitos com relação aos seus corpos. Ora, uma instituição socioeducativa deve refletir à luz do pensamento dialético devendo levar em consideração a proposta da *estética da existência* desses jovens e o *cuidado de si*. Nesse sentido ela deveria ser capaz de realizar isto que Foucault propugna.

“Existem o cuidado com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações e leituras, as anotações que se tomam sobre livros ou conversões ouvidas, e que mais tarde serão relidas, a rememoração da verdade que já se sabe, mas de que convém apropriar-se ainda melhor” (FOUCAULT, 2014c, p.66)

O jovem tem o direito a uma vivência da sexualidade que seja livre de proibições e que lhe dê a oportunidade de expressar sua singularidade, com temperança e respeito em relação a si e ao outro e de uma maneira que se vivencie uma ética da sexualidade marcada pela “construção identitária” do jovem.

4 CONCLUSÃO

Foucault desenvolve seu pensamento em torno da sexualidade e do corpo como uma maneira de refletir o poder-saber exercido sobre os indivíduos. Para isso, traz diversos aspectos da sexualidade que possibilita uma aplicação de seu pensamento à vivência da sexualidade de nos centros socioeducativos.

Este trabalho quis fazer incursões acerca da capacidade do Estado em manter jovens em restrição de liberdade e, ao mesmo tempo, garantir oportunidades para esses jovens terem espaços para vivências autênticas de sua sexualidade e corporeidade. No entanto, esse artigo traz diversos aspectos que não foram desenvolvidos, mas que merecem uma atenção

maior. Assim, possa esse trabalho trazer estímulos para novas pesquisas sobre este tema do empoderamento dos corpos dos jovens em restrição de liberdade.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Edgardo. *Introdução a Foucault*. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014.

COSTA, Jurandir Freire. *O sujeito em Foucault : estética da existência ou experimento moral ?* Tempo Social ; Rev. Sociologia. USP, S. Paulo, 7 (1-2) : 121-138, outubro de 1995.

CUIDADO DE SI E BIOPOLÍTICA: Saberes e práticas na constituição dos sujeitos contemporâneos. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, v. 472, 14 set. 2015.

CORPO E SEXUALIDADE: A contribuição de Michel de Foucault. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, v. 335, 28 jun. 2010.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade : a vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *História da sexualidade : o uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. *História da sexualidade : o cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.